

NUNO MATOS DUARTE

AGUARDO A FRASE





NUNO MATOS DUARTE

**AGUARDO A FRASE**

*[2020]*

Título  
AGUARDO A FRASE

Autor  
NUNO MATOS DUARTE

Exemplar único  
© Nuno Matos Duarte, 2020





**A**guardo a corola amputada que reaviva o frémito. Pressentimento, desponta, recolho-a e pouso-a, não com excessivo cuidado, dentro da caixa desarrumada das sobras: a caixa ali deixada, no parapeito instável da fenestração da lua nova. Exausto, deixo-me ficar: este compartimento é só para um, mas a quietude não garantiu a claridade que imaginei, o estro tarda sempre (retido nas represas do tempo). É este o panorama e esta a moldura, o esguio rectângulo do nada. Vejo o ponto que georreferencia o seu centro exacto, a lente da natureza nele: mais, mais e mais . . . mais ainda, toda a ênfase nesse aglomerado impreciso de partículas sem cor. Não se dispõem em círculo, não confirmam nada. Cada partícula invisível, indivisível, una e quieta em si, é a condição absoluta para a aridez, o ínfimo

superlativo da esterilidade de tudo. É ali. Está ali, sou eu na lonjura de vós: informar é isto e este é um lugar de não retorno a que sem pingo de emoção se deveria chegar. Não foi esse o meu caso, este lugar serve-me e comove-me. O arbítrio confronta a circunstância, a suspensão do tempo dá-me o enleio compressor. Preenchido de nada purifico o consolo. Também desta vez não me esquivei à lâmina, posto que se me limitasse a aceitar o inchaço da realidade comezinha, anularia este testemunho para não anular o nulo de mim; mas não nego que o cuidado que coloco na redacção destas palavras é um excesso desnecessário, e que existe, sim, aquele enganador desapego próprio dos que julgam ir mais fundo. Reflexo, ou não, do excesso, o facto é que retomei o insano labor da reversão, para contornar essa imagem há muito gasta do fumegar espiralado das cinzas. Importa pois amar a expressão do único. Esta tarefa, que também é renúncia, encerra inúmeras dificuldades, a singularidade do ser sensível exige todo o cuidado e a mais radical filtragem. Ser digno de tal tarefa, sem ceder aos prazeres da escrita, é abraçar a dor e o amor arrebatado do cancionero de um eterno *fin de siècle*. Não conheço a frase exacta e, à falta dela, escrevo a giz no muro a palavra hedonismo: destoa deste lugar informe (se lícito é lugar



chamar-lhe). Sinto que nada se avizinha, em meu redor o vácuo amortece o reverso do par de olhos que se aloja nas concavidades dos monólitos. Rótulas de afeitar, o atrito consome-os, suga-lhes o voo livre para os confrontar com a questão: de que vos vale a bravura? Ressoam e demoram, olhos rombos, exaustão é o substantivo do tempo, tudo exaure e morre-se quotidianamente nessa ideia quando se duvida da beleza-testemunho-vivo nos filhos que o amoroso amigo de Shakespeare não tem. O ser consigo morre, filhos são amor-vivo, filhos não são legado. No trilho, a pena vive, cravada no papel, a espora no costado. Três fatias de pão de três dias: sou eu quem define a era no ego rasado pela espera, enalhado incito o fluxo, aparento amadurecer em lugar seguro, mas definho na calha que assenta na encosta da iminente derrocada. O ego meu por mim rasado de que restam grãos de sílex às levadas deitados, sílabas delicadas que desembocam no turbilhão aquífero, alimentado por outro turbilhão, de mim saído: o da profusa matéria incolor. Serão discretíssimo depósito na capa do leito (e que olhos rejuvenescerão no seu brilho mareante? Quero anunciá-los e para ninguém digo um nome, mas a verdade que se diz nem sempre é a verdade idiossincrática de palavras ditas, a sua revelação pode resumir-se aos seus enganos). Deambulo,

filosofo, extingo-me, não há outra direcção, apenas a que guia a devolução da minha pele cósmica. Não se nasce para ser génio, como não se nasce para ser mãe ou pai, desígnio é eufemismo. Nasce-se, é-se vida e vive-se, morre-se, as ferramentas existem, a propensão é um mistério: eis o programa da reescrita da escrita, que urge, da reescrita que devolve ao sentido a justeza que a escrita perdeu. A indefinível pureza da errância universal destitui a legitimidade do selo. Não é novidade, sempre o fez. Já vergada à ideia de decadência, a força do selo revela-se por fim na sua falsa perenidade: já falsa era quando tão ajustada se apresentava. Imerge, pois, digo: monologa, persiste em ti enquanto o estilhaçar do mundo refreia deste o desvario, (tragédia, dor universal vincada. . . e que arrebatadora intensidade nesta flébil poesia!). Se ao invés te espalhasses por vários entes, as tuas mãos de sangue mimariam o movimento da ratazana que galga a calha e a percorre. (Sim, essa mesma. Sim, a que subiu ao poste para se esgueirar no cabo em flecha). Mas o corpo incompreensível perturba-me, ignoro pedestais e irmano-me. Também incompreensível, a seu modo, me perturba essoutro: um anúncio como aquele não se finge, não se planeia. É discurso cogitado vezes sem conta, no secretismo da mente dito e redito,

e corrigido e aumentado. Se o escrevesse, haveria sempre um insecto minúsculo a passear-se em diagonal sobre as suas linhas. No papel ficaria impresso o selo do seu sangue comprimido e espirrado. Mas quando erguidos na sonoridade da inquietude, discursos desses precipitam-se, tropeçam e desligam-se, enlouquecem na voz indomável, na voz assim indesejável. Transformam-se então em voz oprimida, em voz envergonhada, em recheio do semblante recolhido, não participativo . . . este meu rosto que só vê de fora . . . este rosto . . . que vê . . . ver . . . ver . . . ver . . . que vejo com este meu rosto? — Vejo flores em queda na débil Primavera, ó boca sem hálito, caem murchas no chão, sem vestes para ornar. O teu sopro longitudinal afila para nada, mas no meu rosto afila como incisão que por gravidade expele pouco do que compacta o fardo. As tuas mãos afastam-se uma da outra para desmanchar a concha, as tuas mãos receosas de matéria densa, desta matéria livre que impele a surdez ao desfazer-se no chão, desta matéria que é prova de que o teu sopro longitudinal em ti nada é, posto que carícia em mim não é. E é na consciência deste absoluto vazio que, na fímbria da tua inexistência, assinalo: nenhuma vida passa ao lado desta, a falha elege-me no labor da espera (e à mal vivida vida que resta). Uma cosmogonia,

astro extemporâneo, depois satélite, as suas marés de mar claro, tranquilo e sem foco, para te banhares. Um rectângulo turquesa pétreo obstrui essa visão, tijolo assente na alvenaria da tratadística da cifra. Houvesse uma intencionalidade, mesmo que, no óbvio da simbologia, simplista, e não a mera mesquinhez mundana . . . Unhas esgravatam e reavivam a incisão de onde goteja o verbo, a concha da mão recolhida ruboresce. Aconchego-me no recato deste espaço, resguardo-me do ignaro por saber o que sei e que apenas sei porque me foi dito, e que sei porque creio na sinceridade de quem mo diz. Ignaro, sentido, e assim assemelhado ao ressentido, vivo em clausura, sou pobre. E na pobreza devo permanecer, penso, só os pobres, só esses seres os radicalmente excluídos ou auto-excluídos se expressam com despreendimento e genuinidade, e só deles espero a experiência da autenticidade. Sou à parte. No covil recrio o pudor e expando-me para que o amor me encha. (. . . reerguer intenso, transformado, amável. . .). Sou incapaz de repetir a frase, embora as mesmas ideias, a que outras inesperadas se juntam, rodopiem na atmosfera que cobre o desperdício. Amiúde reconheço um certo vocabulário em textos que não escreveste. E como só sei redigir a escrita extremada de mim, reconheço--me neles e imagino-me a dizer, vem,

vem na mesma, vem ler longas redações com a lentidão rara dos que ponderam o uso de cada palavra. Este é o momento da imagem complexa, singular, perfeita. Apraz-me imaginar-nos a negar em unísono todas as outras, mas nessa negação seríamos também obrigados a reconhecer um estado: mesmo essa imagem complexa, singular, perfeita, para aspirar a ser o que quer ser (e tem de ser), precisa de ser luta longa de si em quem a origina. Sê aquele que dá imagens dessas à luz, não te dispenses por tudo o resto. Resiste, persiste, mas não permitas que o gigantismo do silêncio se apodere da memória da flor outrora rubra, que aqui definha. Solilóquio sem fim, de novo ciclo, não porque não deseje falar da arte, não porque não se imponha a expansão da escrita, mas sim porque se me impôs a clausura como fim do que por fim me há-de tolher. Ao perder a escrita que te é, esvai-se, a pouco e pouco, o próprio sentido da escrita: e morres um pouco no futuro de ti, sem que sequer o saibas, ou que com isso te importes, porque sabes que no futuro serás não-tu-como-és, mas tu-como-evocação-de-vida-derivada. E, assim, vê como não posso senão coser a palavra à entretela para me resguardar na invisibilidade deste desconforto que é sustento da forma, em essência e exuberância. Esta consciência vai estrangulando

aos poucos o apelo comovido. Inalienável da verdade, o sentimento não, o sentimento resiste sempre, porque é em resistir que se define o seu complemento de verdade. E, por fim, o sentimento tolher-me-á quando já estiver do lado de fora do portão da tapada (não sei se não estou já do lado de fora do portão da tapada). Um molho de caules secos obstrui-lhe a fechadura, a chave balança sobre o compasso, a mão iluminada desfia o verbo: ergue-te (para veres a minha lavra, para te ver o rosto impossível). Arte, cravas o prego que traçou o eixo desta vereda, esperança na comunhão esperançosa de amor, antecipas o improvável (e o imponderável), mesmo quando não comungada: solilóquio sem fim, vicioso labor de si, para si estabelecido, arrosto da esperança moribunda. Liberta a faúlha, o pavio e a esmeralda, este era o apelo. Já passou o tempo propício a enterrares a carta no baldio (o que fizeste). O ácido já corroeu a pérola e, embora retraído, o corpo em aberto vigorará, se ainda souber escrever o teu nome. Aceita a sua metade, vive-a como souberes, mas vive-a, genuína como o beijo de Wittgenstein. Precipito-me, saio, caminho, mas não em direcção à vereda silvada. Não se antevê retoma, a mesma aridez informe, sem quietude, no lugar mutável da errância de um homem (resignado, não, resignado, nunca,

mas homem destituído, tal como todos os da sua condição). A gralha, o rumor, a rebarbadora, a calçada polida, os passos sem rasto, a sirene, o magnetismo de uma mirada, o que fica para trás das costas, a copa das tílias, a aragem fresca, a caixa sem tampa. Com inconcebível precisão, o sol, a lua e os restantes astros visíveis atravessaram os milénios do homem; estranhíssima precisão é a sua, a precisão de um estado anterior que jamais se repete... É desumano identificar no sofrimento um propósito maior do que o da vida de quem sofre. Um ser visita os limites do interior de si mesmo e, solitário, lá permanece, levando palavra e frase ao limite, ao imaginar uma possibilidade de vida para a linguagem: o significado desintegra-se, a escrita malsã passa a redigir-se por si. Dei por terminado este texto, enderecei-o, mas fui acometido por uma súbita e agudíssima dúvida no momento imediatamente anterior ao seu envio. Não o enviei. Não que me incomode a hipótese bem real de uma falta de qualidade (que importa verdadeiramente a qualidade quando comparada à íntima necessidade?), mas incomoda-me, sim, a capacidade que as palavras correctas têm para gerar reais equívocos. Salvífica hesitação? Aqui chegado, sei que o texto que está para trás irá ser outro. Escrevo, e tentando suster o fio condutor, em tempo real, do que escrevo,

penso simultaneamente em como voltar atrás para o corrigir. O texto a endereçar já não será este. Certas passagens serão alteradas, outras retiradas, entrelinhas serão redigidas para manter o aparente contínuo do tempo da escrita, sublinhado pelas quebras de sentido e aparição inoportuna de temas dissonantes e entrecruzados. A minha lavra, agora mesmo a inicio.





*Aguardo a frase, © nuno matos duarte, 2020*

*[njmduarte@protonmail.com](mailto:njmduarte@protonmail.com)*